

**Um museu para o futuro<sup>1</sup>**

Maria Angélica Melendi

In: **CATÁLOGO**

**BOLSA Pampulha 2003-2004: 27º. Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte.** Rodrigo Moura (org. e textos) et al. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2004.

Ao depararmos com a única prancha que resta do concurso promovido por Juscelino Kubitschek para o Complexo Pampulha, surge diante de nós uma súbita visão do que poderia ter sido o imaginário médio da Belo Horizonte do começo dos anos 1940. A imponente aquarela amarelada deixa perceber nitidamente os sessenta anos passados. Diante dela, compreendemos como é difícil cogitar, sobre idênticas folhas envelhecidas, os desenhos traçados por Niemeyer. Nossa memória — ou imaginação — vislumbra-os eternamente novos, deslizando com delicadeza e energia sobre superfícies para sempre imaculadas.

O Complexo, que ignorou os projetos apresentados no primeiro concurso — aberrações em face do “gênero fluido da beleza que nos extasiava os olhos na Pampulha”<sup>2</sup> —, é hoje quase uma afloração natural na paisagem da cidade. Com o passo do tempo, alguns dos edifícios perderam a função original. Hoje, porém, todos eles, como monumentos, sinalam o tempo em que começava a se delinear um novo projeto de nação.

O primeiro concurso não contemplava a construção de um Museu de Arte, mas, ao ser fechado o Cassino pela proibição do jogo, o prédio foi utilizado para aquela função sem sofrer modificação alguma. Sessenta anos depois, outro concurso é aberto, desta vez restrito ao planejamento de um anexo para o Museu de Arte da Pampulha.

Numa época em que esculturas, pinturas e objetos estão desaparecendo, num mundo e num século em que os processos de reprodução e repetição tornaram obsoletos os procedimentos de colecionar objetos únicos e prodigiosos para entesourá-los em estâncias protegidas, este concurso potencial propõe pensar um Museu de Arte para Belo Horizonte.

Jean-Louis Deotte, em *Catástrofe e esquecimento*, aponta as razões pelas quais, na contemporaneidade, o museu estaria no centro de qualquer política cultural coerente: “porque é, por essência, universal, público e cosmopolita. Porque precede necessariamente o esquecimento das pertencias étnicas e históricas. Porque coloca em estado de suspensão os destinos predeterminados”<sup>3</sup>.

Esse Museu rasuraria as individualidades e agruparia as diferenças sob o comum denominador de um passado e um presente compartilhados. Um museu, então, para esquecer? Os discursos da memória que impregnam hoje nossa cultura parecem obscurecer, de alguma maneira, os efeitos funestos da memória total. Esquecem o ne-

1. Este texto foi escrito a pedido dos bolsistas do 27º Salão Nacional de Arte — Bolsa Pampulha, alguns dos quais acompanhavam minhas pesquisas sobre arte, memória e museu na contemporaneidade. A inquietação desses jovens artistas os levou a criar, como obra, um concurso de idéias, o 2º Concurso Complexo Pampulha, que levava como subtítulo *Faça você mesmo o museu que você quer*. Concebido a partir de uma visão crítica da função do museu de arte no novo século, este texto pretende apenas abrir um debate teórico sobre os lugares da arte e da memória em nossa cidade. [N.A.]

2. Juscelino Kubitschek, apud *Edital 2º Concurso Complexo Pampulha* (Belo Horizonte: [s.n.], 9 de outubro de 2003).

3. Jean-Louis Deotte, *Catástrofe e olvido. Las ruinas, Europa, el Museo* (Santiago: Cuarto Propio, 1998), p. 132. [Tradução da autora.]

cessário esquecimento. Por isso, o museu — templo laico de uma impossível memória — é a instituição mais notável das últimas décadas. Parafraseando Paul Virilio, a estética do museu é uma estética da desapareição, do apagamento, justamente porque o museu monta o espetáculo da aparição.

Em face da decisão da Prefeitura de Belo Horizonte de convidar Oscar Niemeyer para projetar o anexo do Museu de Arte, os bolsistas da Pampulha decidiram lançar o 2º Concurso Complexo Pampulha, que é, ao mesmo tempo, obra coletiva e intervenção hipotética no espaço da cidade. Com esse Concurso — um concurso utópico, sem vencedores nem prêmios —, pretendem “abrir um espaço de debate, reflexão e exposição de idéias, projetos e conceitos acerca do Museu e de sua cidade, da arte e da sociedade”<sup>4</sup>.

Esse espaço foi aberto, e os projetos chegaram. De Barcelona, da Lagoinha, de Brasília, de Novo Progresso... Possíveis e impossíveis, racionais, conceituais, ingênuos, delirantes...

Há um museu útero; há um museu paralelo, idêntico ao atual ponto por ponto; um museu pirâmide e um museu de Babel a crescer infinitamente em octógonos desdobráveis. Há projetos de torres panorâmicas, com rampas espiraladas — um Guggenheim pelo avesso? — e estruturas que combinam as de dois prédios já existentes em Belo Horizonte. Também foram enviados projetos que propõem não só um museu mas a revitalização da Pampulha e do centro da cidade. Alguns pensam o interior dos edifícios, mas quase nenhum especula sobre as obras que habitarão suas salas. Talvez porque todos os objetos a serem expostos num museu acabem por aparecer e se parecer, duplos incompletos de si mesmos. Afinal, nos dias de hoje, parece complicado pensar e projetar um museu que não seja um monumento, um memorial ou um mausoléu. Para evitar isso, seria necessário apenas conceber o Museu de Arte como uma incubadora, um abrigo dentro do qual os trabalhos de arte do passado e do presente continuassem vivos e ativos a proliferar em outros trabalhos de arte vivos e ativos.

4. Cf. Edital 2º Concurso Complexo Pampulha (Belo Horizonte: [s.n.], 9 de outubro de 2003).